

# O AGUADEIRO

JUAN SILVESTRE

**Kenneth Albernaz Barbosa**

Curso de Comunicação Social da FAFICH

2º ano

Peste de sol! Que necessidade tinha essa quentura toda? Isto é pura semostração...

O sol lá no alto, levando a sério sua qualidade de estrela de quinta grandeza, nem ligava para a ofensa do caboclo cá embaixo. Também, quem vai ligar para rabugem de velho em pleno sertão? Já não ligam para choro de criança, que dirá pras lamentações de Seu Tota: velho rezinguento como ele só... E além disso nunca se ouviu falar que sol tivesse ouvido ou consciência para pesar... Sendo, pois, o único elemento que há de ficar impune na história negra dessa terra esquecida de Deus.

A pino, era uma moedona de ouro no azul do céu... Sem nuvem que avisasse chuva ou que valesse a pena existir. Da rodela de fogo desciam raios incandescentes que ardiam no cangote cascudo do sertanejo, rebrilhavam nas suas faces enrugadas e faziam quietar os passarinhos nas árvores... Se é que se pode chamar de árvores aquela secura toda. Galhos da finura de braço de esqueleto. Retorcidos, musculosos e minguaados que nem o homem do sertão: pouco para guentar viver de pouco.

Meidia... Seu Tota já tinha botado a água da manhã e saía do povoado a fim de buscar a carga da tarde. Ia tocando a fila de jégues, no trote, pelas ruas poeirentas do

lugar, buscando a saída para a estrada. Os carotes sacolejavam dois a dois de cada lado no lombo dos bichos, entrec chocando-se com um ruído de osso velho... Tropicilha miúda, sem madrinha, pois eram só quatro jegues de um branco sujo e magricelas, porém fortes como tronco de braúna. E agora, pressentindo que estavam chegando perto do lugar costumeiro, apertavam o passo, fazendo o velho correr mais do que sua idade permitia... E uma vez ele chegou a parar um pouco, levando a mão ao peito, onde sentia uma palpitação desusada... Uma dorzinha fina do lado esquerdo do peito.

Quando consegui chegar debaixo da jaqueira, onde fazia pouso para a comida, teve que se apoiar durante alguns segundos no tronco caloso até passar a maldita tonteira. Depois, com grande esforço, trepou no primeiro galho e com o facão derrubou dois dos enormes frutos carocudos e amarelentos, que bateram no chão com um "plof" gordo e leitoso, escorrendo das rachaduras. Com dois golpes de facão partiu ainda em dois pedaços iguais, dando-os aos animais que se puseram a comer com regalo.

Servidos os bichos, sentou-se ao pé do tronco, e abriu o embornal de brim azul desbotado, tirando de dentro, aos punhados, farinha branquinha da Bahia e os ia jogando na boca, onde deixava formar o bolo úmido para ser engolido de uma só vez; do contrário engasgava e todo sertanejo sabe disso. Três punhados de farinha depois, tirou um pedaço de carne seca e cortou uma tira com a faca comprada na feira, e se pôs a moê-la com as gengivas, puras, rijas que nem cartilagem.

Quando terminou de comer a miserinha, bebeu um gole d'água e deu de beber aos animais. Feito isto, apertou a barrigueira de cada um, ainda capengando com um pouco das pernas emperradas. Quando terminou de aprontar o último jegue, pensou que não estava mais pra'quilo. O cansaço já montava nas costas, encurvando-as com seu peso de muitos anos de vida árdua. Dera-se por sortudo, pois nesta terra, é raro o homem que alcançava tal idade vivendo só no trabalho, na privação e naquele clima hostil... Mas tinha boas recordações do caboclo rijo que fora, na época em que derrubava

curraleiro só no torcer do sebenho, todo deitado no lombo do piquirea veloz, forte e pequeno.

Seu Tota já ia pelos 70, embora não soubesse com exatidão. A única coisa de seu eram quatro jegues de aguar. Assim mesmo, não eram coisas, viviam mas já estavam velhos e podiam muito bem morrer a qualquer hora, deixando-o na mão.

Quando conseguiu juntar dinheiro pra comprar os quatro, deixou de ser peão e começou a botar água, pois ganhava mais do que no lombo de um cavalo, se arriscando o dia inteiro. Mas era um ganhar mais, e uma vida tranquila que não valia a pena. Vendia a cinco cruzeiros a carga — quatro carotes eram a carga. Três contos em cada cinco iam para o dono da vereda. Juntando os quatro animais em duas viagens por dia, ganhava 16 cruzeiros. Da cidade até a vereda, tinha uma légua, quatro léguas por dia! Seu Tota pensava — E os bichos ainda gastavam com comida, pois não se pode alimentá-los só de jaca e capim brabo. Ele a bem dizer, comia menos do que um passarinho, mas os rebentos que lhe deixou o falecido filho, três moleques encapetados e mais a nora... Ê, não paga a pena. Não paga. Se ainda tivesse uma terrinha que pudesse cultivar... Ia ajudando, mas nem isto, pois além do casebre alugado, em que morava com sua nora e os netos, só havia o telheiro onde pernoitavam os animais.

O sol apertando cada vez mais... O aguadeiro já ia pelo meio da jornada, matutando... Ainda se pudesse largar aquele povo sem água por um dia e tirar para descansar as pernas... Mas não! Seria muita ruindade dele. O povo estava lá embaixo, agüentando a sede, até que ele chegasse de tardinha com a bendita água... Velho rezinguento, que diabo te deu hoje? Querer folgar... Tem é mesmo que rir do descaramento.

Diabo de água salobra de Jaguaquara. Ê por graças a ela que eu tenho com que viver, não nego, não nego. Mas também não tem outro, nesta terra, que queira aguar? Só eu pra botar água nessa terra do cão. E o pior é ter que no fim do dia, estrompado de andar, ainda ter que ir lá no alto botar

a água da mulher de Seu João Baixão... Homem surdo mas bom tá ali... Mas a mulher, virge! É boazinha também, mas mas quando pega a broncear... Ave, nem cascavel!

Seu Tota olhou outra vez pra o céu, e lá estava ele, limpinho de nuvens. E na sua cara curtida de sertanejo pintou a preocupação.

É, a veredinha tá minguando... E nem sinal de chuva... E o seu Miro agora? 4 contos! Aquele peste qué é encher a burra de ouro até pocar... E se eu aumento pro pessoal lá embaixo, eles diz que eu tô querendo enricar... Foi bem assim no ano passado... Diacho, se ela seca eu tô danado com jegue e tudo... Gente besta essa... Quero enricar... Nessa mi-séria que eu levo? Tem até graça.

Já descendo pro olho d'água num panelão de serra comida, viu lá embaixo seu Miro olhando pro chão... Preocupado, coçando a barba rala de uma semana... O velho foi andando com o coração na mão, já sabendo o que aquilo queria dizer...

É, Tota. A bichinha minguou de vez. Tá uma lagriminha à-toa correndo do chão. O restinho da poça é pros bezerros novos beber. Tu pode deixar teus bichos molhar os beiços, mas não vai dar pra levar pra cidade...

O diacho. Agora é andar... Só andar! Bem seu Miro disse, a abertura da nova estrada ia prejudicar a minazinha... E a estrada traz fartura... Pra quem tem com que comprar fartura. Mas água ela não traz. Não, água quem traz é o besta do Tota, o velho caduco. É bem assim que eles diz... E seu Miro logo quis descontar o seu quando soube que iam desviar o córrego. "Aumento mais um conto, seu Tota. A água agora vai ficar cara... Pois lá no corgo ela não presta. Só presta, como ocê sabe, depois que entra na terra, por debaixo da pedra e vem dar aqui. E a água só vem pra cá, quando o ano é bom de chuva. Aí ela ganha força... Mas que diabo, tu entende mais de água do que eu! — E seu Tota ainda ouviu a gargalhada cretina do fazendeiro, enquanto ia pegando a picada para subir as bordas da serra: — "Imagine só. Eu querê ensinar de água o aguadeiro!"

Quasé uma légua mais para dentro do sertão. O sol avermelhando lá no alto, caindo para a tarde, espiava a terra com seu olho mau de fogo, espalhando a quentura. Nem cobra se vê. Chapéu de palha enterrado na cabeça, fazendo uma sombrinha à-toa, seu Tota mais cansado, mais triste do que a própria miséria, fincava o pé na estrada, puxando os jegues estropiados.

Só, no sertão, de doido o aguadeiro apregoava:

— Óia a água. Fresquinha! — sua voz cantava o aboio triste.

— Êeeh, vem gente. Óia ela...

Caminhada comprida, a mais até que a própria vida.

— Desse jeito saio no rabo do cão, oxente! Óia a água, meu povo. Freesquinha. Vem gente!

Chão duro, fervendo debaixo das alpercatas de couro cru. Um rastrinho de poeira no caminho, assentando logo, pois não tinha um ventinho, só, que desse para refrescar e arejar aquela lida.

O sol queimava o resto de vontade do velho, mandava e desmandava na terra estorricada, e os bichos sem querer andar, com os pés inchados, levantavam a cabeça e soltavam um ronco grosso pelas gargantas secas. Seu Tota deu um restinho d'água para eles, mas os pobres, não havia mais água que os fizesse andar.

O aguadeiro molhou a garganta, mas não havia mais água que fizesse o ar correr. Querência de vivo, é respirar. Mas que ar? Aquele mormaço não era ar que se respirasse, era chumbo derretido.

O coração disparava de novo pelas estradas loucas das veias estuporadas. A pontadazinha cada vez mais forte no lado esquerdo do peito, já era um ferrão em brasa, enterrado no dito, doendo como um desgraçado.

A vista, sem querer enxergar de novo o céu, só via as coisas lá de dentro, lá de trás... Engraçado, parecia que a noite chegava, matando a visão do mundo, mas um vaqueiro forte, destemido, galopava no lombo de um piquira, disparado

pelo agreste, atrás de boi desgarrado. Era ele, o Tota, com vinte anos...

Lá vinha ele com o vento batendo no rosto e entrando às golfadas pelo nariz descendo aos pulmões fortes do homem de vinte anos que aboiava e galopava e o rabo do boi acenando mais à frente era mais que um convite um desafio à mão que esticava decidida pegava e torcia o sebenho do bicho deixava ele para trás dava mais um puxão e upa! O animalão caía, virando as pernas para o alto, levantando poeira onde tinha passado o galope já solto do corcel... Satisfação de vaqueiro forte e orgulhoso!

O corpo velho, sem querer andar, parando, tropeçando no caminho, picada à-toa, aberta pela tropa em secas passadas. A tonteira de novo, forte, o tronco da jaqueira, qual o quê? O aguadeiro no sertão só foi caindo, o sol caindo, esfriando. Os jegues inquietos, já não tinham forças para sair de perto do defunto.

A vereda ali pertinho, mais um pouco e chegava lá, descansava e voltava no dia seguinte, mas o coração parou antes a miséria do aguadeiro. Era o fim.

E no chão ressecado, o corpo velho ficou estirado, sobre as rachaduras que o sol abriu. Urubu chegando de longe no sentido da carne morta, voando, revoando e baixando para ver... E a gente sem água no povoado, esperando o aguadeiro, mas o coitado foi tão longe que nunca mais pode voltar.

— x —

Na tardinha o menino se agarra na saia da mãe e pergunta choraminguento:

— Tô com sede, mãinha. Cadê seu Tota co'a água?

— E eu é que sei, onde aquele diabo de velho se meteu?

Limpa as mãos na saia surrada e vai até a porta, ficando a olhar para o fim da rua. O menino chora lá dentro e ela ralha sem vontade, sabendo que o pobre tem razão. Na outra porta vê a vizinha, espiando as roseiras secas e grita:

— Ô dona Zilda. A senhora não tem aí um golinho d'água pra dar de beber a esse menino aqui? O diabo do aguadeiro sumiu nesse mundo, oxente! Só sendo que caducou e esqueceu da gente.